

Tradução de dois contos de Ángeles Mastretta *

Numa tarde laranja, Julia Corsas abriu a porta para seu terceiro marido. O homem era um tipo de mãos grandes e olhos vivíssimos que algum dia acreditou ser amado pelos deuses. Ainda trazia nos ombros o encanto de um cigano e nos pés o caminhar de um guerreiro. Tivera o cabelo castanho em outras épocas, mas quando ela o viu parado na entrada de sua casa, diante da luz que iluminava seu rosto, deteve o olhar em seus cabelos brancos suavizando o gesto com o qual a cumprimentou sem abrir a boca.

– Olha, você ainda continua sendo bonito – disse como se falasse consigo mesma.

Quando o conheceu, Julia Corsas era pálida como um canário², inconsequente como um pardal, tola como um pica-pau, concentrada como coruja, incansável como se fosse um colibri. Asas tão distintas numa mesma mulher resultavam numa criatura atrativa e volátil, obstinada em dizer que só tinha a ambição de ficar quieta. Desde então ele se enfiava em sua cama entre um marido e outro.

Fazia anos que não se viam. Ele tinha ido embora há nove anos, quando Julia beirava a meia idade, lia um livro triste e era a mulher mais alegre que podia existir sob qualquer pôr do sol.

Pegaram o tabuleiro de xadrez. Abaixo estava o lago adormecendo. Julia Corzas sorriu mostrando a fileira de pequenos dentes. Havia poucas paisagens tão perfeitas quanto o sorriso de Julia com os montes atrás, os olhos de Julia olhavam a água com uma ponta de ironia que nunca perderam, a cabeça de Julia, que ele sabia, estava ouvindo a toda hora a música de fundo de sua própria imaginação.

– Por onde você andou? – perguntou-lhe.

* ¹ MASTRETTA, Ángeles. *Maridos*. 1. ed. Barcelona: Seix Barral, 2007, p. 7-62, 352. Disponível em: <<http://clubdelphos.org/sites/default/files/Mastretta,Angeles-Maridos.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2018.

Tradutor: Altamir Botoso. Mestre e Doutor em Letras em Teoria Literária e Literatura Comparada pela UNESP, campus de Assis-SP, e docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, campus de Campo Grande-MS. Endereço eletrônico: abotoso@uol.com.br.³

² Em português, diríamos “pálida/branca como um fantasma”, mas se optássemos por essa forma de traduzir, empobreceríamos o campo semântico que se estabelece nesse parágrafo e que é formado por aves, cujas qualidades são comparadas com a personagem Julia Corzas. (N. T.)

Ele procurou no bolso de sua calça uma moeda de vinte centavos que se usava no México em meados do século passado. Usavam-na para jogar cara ou coroa¹ para determinar o direito de mover a primeira peça do tabuleiro. Jogou-a para o ar.

– Cara – pediu Julia Corzas quase ao mesmo tempo em que ele agarrava o círculo de cobre entre uma mão e outra.

– Coroa – disse ele mostrando a face da moeda que tinha de um lado o escudo nacional, com uma águia devorando uma serpente e do outro uma pirâmide iluminada por um gorro frigio².

Acomodou-se diante dela.

– E o que aconteceu com seu marido? – perguntou.

– Meu marido foi embora com a mulher de outro marido.

– Até que enfim – disse ele.

– Nem pense em se enfiar em minha cama.

– Eu nunca saí de sua cama – disse ele.

Julia precisou de uma bebida. Ele quis uma também.

– Tem chocolate? – perguntou.

– Você é o único homem que gosta de chocolate.

– Por que o seu marido foi embora?

– Por que todos os maridos vão embora? Por que você foi embora?

– Eu estou aqui – respondeu ele.

– Agora – disse Julia Corzas e passou um anjo com seu caudaloso silêncio.³

Caminharam pela beira do lago. Não havia nenhum ruído no ar, tampouco o cruzava o silêncio de um anjo, só a voz de Julia Corzas contando a seu terceiro marido o fim de um sonho.

¹ No original, se faz referência a “Águila o sol”, que equivale ao nosso cara ou coroa. No México, uma das faces da moeda de 10 pesos, a mais usada nesse tipo de jogo, tem uma águia do Escudo do México e, na outra, uma pedra do Sol asteca. Para mais informação, leia-se: <https://es.wikipedia.org/wiki/Cara_o_cruz> Acesso: 12 out. 2017. (N. T.)

² O “gorro frigio” é uma espécie de capuz, de forma cônica com a ponta curvada, confeccionado em lã ou feltro. Sua origem encontra-se na região da Frigia, Ásia Menor, atual Turquia. Na atualidade, figura como símbolo da liberdade, no escudo de várias nações americanas como Argentina, Bolívia, Colômbia, Cuba, Haiti, Nicarágua, El Salvador e Paraguai. Também está presente em moedas e notas de alguns países como Colômbia, Cuba e México. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Gorro_frigio> Acesso: 12 out. 2017. (N.T)

³ O texto que abre o livro de Ángeles Mastreta (p. 7-9) continua na página 352. Ele funciona como uma espécie de prólogo à obra, pois vem destacado em itálico, enquanto o restante aparece em letra normal. (N.T.)

– *E nossa história? – perguntou ele agarrando a moeda com a qual havia brincado enquanto caminhavam –. Você não vai contá-la? – disse ele parado na entrada da porta exibindo o sorriso que costumava dar ao se despedir.*

– *Em outro livro – respondeu Julia Corsas.*

Então entrou em casa evocando um princípio. Ainda tremia na mescla de suas asas a mesma inquietude dos velhos tempos. Cantarolou uma canção. O que se poderia fazer num dia assim? A tarde também era laranja e se escoava por detrás da água e dos montes. Guardou o tabuleiro de xadrez.

COM TUDO E TODO

Dava raiva, porque tinham se amado tanto e de modo tão distinto durante os duzentos anos em que tiveram que se conhecer que era uma pena separar-se assim, como se nada tivesse acontecido.

Duzentos anos, dizia ela, porque com o tempo adquiriu a certeza de que assim tinha sido. Sua fé em Deus era tão escassa que ia tomando coisas de outras religiões que estivessem ao seu alcance, e isso das várias vidas, das almas jovens e velhas, que ela gostava desde que lhe contaram isso como uma verdade tramada com fios de prata.

Não duvidou em agarrar-se à certeza de que se conheciam há tantos anos que não lhes era possível recordar. Certamente, pensava, tinham se visto pela primeira vez em 1754, talvez em Valência, e outra vez ou muitas durante o século XIX, na metade de uma guerra ou em um baile, mas seu encontro em 1967, ao se cruzarem em uma escada bem no centro da cidade de Puebla, marcou-os definitivamente e para o bem, embora em outras ocasiões tudo estivesse a ponto de acabar mal.

Quem sabe porque a vida costuma pôr armadilhas para aqueles que vistos de fora não podem ser senão casais para o resto de suas vidas, mas se diz que isso acontece e está confirmado que não somente eles, mas alguma parte do mundo se entristece quando se perdem um do outro.

No século XX, Ana García e Juan Icaza, grandes nomes de uma cidade pequena, foram namorados desde o momento em que essa escada os submeteu a seu feitiço. Ela ia subi-la e ele vinha descendo quando o ar passou entre eles e o perfume embaixo de sua roupa. Ela trajava um vestido branco, fazia calor. Ele tinha na mão um guarda-chuva de Córdoba com o qual fazia acreditar a qualquer um que ia e vinha de uma praça de touros.

Aí e nesse tempo eram os homens que começavam o namoro e ele demorou meio minuto para iniciá-lo. Perguntou-lhe quem era seu pai e contou-lhe que era ele quem fazia os fios com os quais o bom senhor tecia seus tecidos. Disse-lhe que parecia uma pomba da paz e ela sorriu dizendo que as pombas estão sempre em guerra, que não havia campanário nem praça que atestasse algo diferente e que nenhuma mulher vestida de branco podia ser inteiramente confiável.

Dizem os provérbios que a ironia não é útil para conversar com os homens, mas ela esqueceu isso e irremediavelmente utilizou uma. Desde esse momento e por todos os outros, a maneira de se relacionar entre eles teria seus altos e baixos sempre que Ana ironizava em relação ao irremediável. Por exemplo, a paixão de Juan por si mesmo, sua língua solta, sua vaidade sem tropeços, seu aspecto de bêbado inveterado.

Foram namorados por um certo tempo. Namorados daqueles que terminavam despedindo-se na porta de casa, justo quando deveria começar o encontro.

Depois de uma dessas despedidas, ele foi beber com seus amigos e do beber a se divertir com uma ruiva foi só um segundo. No dia seguinte, metade da cidade acordou contando que Icaza tinha dançado agarrado com uma gringa como uma etiqueta.

– Estava bêbado – disse ele para se desculpar.

– Pior ainda – respondeu-lhe Ana afastando-se do abraço que não se dariam.

Essa madrugada e as trinta que se seguiram Juan passou-as cantando embaixo da estranha sacada de Ana, que se fazia de surda enquanto toda sua família fartava-se de não o ser. Acompanhava-o um *mariachi*⁴ que conhecia de fio a pavio⁵ todas as canções que tinham pombas traidoras em alguma de suas letras. Também a pomba negra, a pomba querida, a pomba que chega a uma janela e a que nunca chega, a pomba em cujos braços viveu alguém a história dos amores que nunca sonhou, a pomba que o destroça se no futuro perde a fé nele.

Por mais que cantassem, nem os *mariachis* nem as pombas, muito menos Juan, conseguiram ser perdoados.

Então ele tornou-se toureiro e ela abriu uma loja. Associou-se com sua irmã para vender os tecidos que fazia o pai. Pouco tempo depois os dois casaram-se com outros. Como essas coisas acontecem? Acontecem sem motivo, acontecem porque acontecem. Ela teve uma filha e ele deixou de tourear para pôr-se a sustentar um filho e depois outro e uma esposa que falava pouco, mas mal de todo mundo. Cresceu a loja em que as irmãs continuavam vendendo por atacado os tecidos da pequena fábrica que herdaram do pai. Aos poucos todo o negócio cresceu.

⁴ A palavra *mariachi* tem dois significados, é um gênero musical popular do México e é também o nome dado aos grupos musicais que interpretam e fazem espetáculos do gênero, para ser mais específico, é tanto os músicos (aqueles lá da serenata de amor) como as músicas que eles cantam. Informação extraída do seguinte site: <<https://espanholsemfronteiras.com.br/mariachis-cultura-mexicana/>> Acesso: 11 jul. 2018.

⁵ Há formas mais populares de se dizer isso: “de cabo a rabo”, “de cor e salteado”. (N. T.)

Juan voltou a trabalhar na fábrica de fios que sua família tinha e que sem seu empenho estava à beira da falência: a seu pai quem sabe que saudades de sua cidade na Espanha o tinham acometido enquanto o filho toureava, que quando Juan retornou encontrou o negócio meio esquecido e de pernas para o ar. Como Juan era teimoso e considerava urgente atenuar o equívoco em que andava sua vida, decidiu ressuscitar a empresa e não se deteve até que multiplicou por vinte a produção. Bêbado continuava sendo. Trabalhador também. Tornou-se rico.

Enquanto isso, Ana teve mais dois filhos. A cada cinco anos um, acabou tendo os problemas e os prazeres de quem tem três filhos únicos. Estava tudo correndo bem. Tinham multiplicado sua loja em várias outras e do comando das irmãs dependia um pequeno exército de mulheres, como de alguns homens depende um exército de homens. Em seu negócio havia discriminação ao contrário e ela acreditava que era justo e necessário, uma vez que em outros negócios não havia nenhuma mulher usando calças.

Antes de ir ao trabalho, Ana começou a caminhar de manhã para afugentar a certeza de que o tempo passava. Caminhava pela margem de um rio quando soube, graças à voz de uma amiga imprecisa – as amigas precisas não se prestam a levar o que lhes traz o vento –, que seu marido tinha uma namorada que gostava de cavalos e colinas tanto quanto ele.

Essas coisas também acontecem, disse Ana, e ao invés de se impressionar deixou o rio e correu em busca do passado entre uns fios.

Encontrou-o como se o tivesse deixado na tarde anterior. Não tiveram nem que dizer nenhuma palavra, estavam se aguardando. Ele continuava sendo magro e com a cintura firme. Prepotente, mas simpático, um pouco avaro como sempre, sóbrio somente pelas manhãs e animado como ela o recordava. Não voltaram a se separar numa porta sem ter tecido a tapeçaria de seus amores, sem abreviar nem um som nem uma queixa, nem uma carícia nem uma drástica emoção regida pelo agora.

Talvez o futuro fosse a única queixa que se pouparam. Viviam no presente como quem vive num parapeito de aço, numa fina mas firme encosta da qual não queriam descer nunca. Cada um tinha outra casa e outro mundo e cada um sabia que o mundo inteiro podia também estar em outra parte.

Conheceram em poucos anos todos os bons hotéis da cidade. Faziam juntos a sesta⁶ uma ou duas tardes por semana, falavam-se por telefone dez vezes por dia e sentiam saudades nas madrugadas. Então ele aproveitava suas dores para beber tudo o que encontrava ao seu alcance e elaborar uma série de inimizades com sua esposa. Enquanto isso, Ana cultivava um jardim, uns filhos, um trabalho, e uma séria amizade com seu marido. Assim estavam as coisas, ele se divorciou e ela, não.

De semelhante diferença surgiu um desequilíbrio sem concerto. Para ele sobrava tempo e para ela sempre faltava. Ele vivia sozinho e ela no meio de uma multidão. Até sua mãe e sua sogra acabaram vivendo em sua casa. Os filhos sempre convidavam amigos e seu marido sempre queria abraça-la no sábado e domingo. O pobre Juan começou a condoer-se de suas desgraças e um belo dia deu um ultimato a Ana: era ele ou sua família toda, era ele ou o outro mundo que lhe pertencia entre os olhos, era ele ou ele, ele ou nada. Nada como ele. Nada senão ele.

Tinham construído uns amores a longo prazo e embora Ana não tivesse se movido nem por todo ouro do mundo, moveu-se com trabalhos, mas sem retorno, depois do mundo de ouro que tinha em outra parte.

– Aonde você vai? – perguntou ele estendendo a mão até a gaveta do criado-mudo para apanhar uma tesoura.

– Que insistência a sua em perguntar todo dia o que você já sabe.

– Não voltarei a beber, prometo a você.

– Prometa isso a você que se deve isso. A você e àquilo que não tivemos.

Juan sorriu com a tristeza dos abandonados. Ela buscou o encaixe de sua roupa íntima embaixo dos lençóis. Tinha a mão dele presa ao pelo escuro entre suas pernas. Acariciou-o.

– Que lindo que é isto. Se você tiver que partir deixe-me um pouco – pediu aproximando a tesoura.

Ana deu-lhe permissão. Esticou os braços sobre sua cabeça e levantou a pélvis. Ele cortou uma mecha escura justo no vértice daquela maravilha. Passou um anjo deixando sobre eles o silêncio mais longo de suas vidas. Não se moveram por instantes. Ele apertou num punho a tesoura e o pelo, ela fechou os olhos antes de o perder num ar alheio e guardou aquele momento no centro de todas as suas recordações. Depois, como

⁶ Repouso/descanso após o almoço. (N. T.)

alguém que se desprende de uma árvore, saltou sobre o regador e a roupa e o automóvel e o caminho, e sua casa. Não podia fechar a boca que se abria num sorriso. Com o sorriso na boca ouviu seus filhos mais velhos contar histórias de adolescentes e jantou perto da tevê olhando seu marido, que olhava a tevê.

– O que você traz nesse sorriso? – perguntou o homem.

– Um jogo – disse ela antes de ficar adormecida com tudo e o sorriso que durou essa noite e toda a manhã do dia seguinte e todo o dia seguinte e até o outro dia. Então começou a preocupa-la que Icaza não tivesse telefonado em tantas horas. Trazia o celular consigo desde que acordou e às duas da tarde só tinha tocado para mensagens prescindíveis. Mas dele nem sinal. Fechou a loja e foi ao colégio buscar os filhos. Saíram os três com dois amigos e os cinco instalaram-se ao longo da van fazendo ruído de pássaros.

Assim estavam quando tocou o telefone:

– Onde você está? – perguntou-lhe uma voz cheia de pedras⁷. Só de ouvi-la ela soube o que se passava com o dono dessa voz. Devia estar bebendo há pelo menos vinte e quatro horas. Estava bêbado como um gambá.⁸

– Porque você faz isso – perguntou-lhe.

– Pela mesma razão que você tem de viver em outro lugar.

– Mãe, a gente vai ficar estacionado? – perguntou a filha menor, que tinha herdado a hilaridade de sua mãe.

– Um momento – disse Ana.

– Um momento não – interveio Juan –. Vou continuar assim até que eu morra. Já me cansei de andar sozinho sempre, de ir ao cinema sem mulher, de que os fofoqueiros estejam chegando a dizer que ando com um homem e que é por isso que nada se sabe de minha vida sexual desde o divórcio e pouco se sabia antes, segundo anda dizendo mi ex-mulher.

Ana deu partida no motor e se moveu lentamente.

– Podemos descer na vídeo-locadora? – perguntou o filho no meio da conversa.

– Sim podemos – disse Ana.

⁷ “rísvida/grosseira” também seria possível, uma vez que Icaza está bêbado e irritado. Optamos por manter a metáfora para que o leitor perceba o seu real sentido: uma voz ressentida, magoada e alterada pelo efeito do álcool. (N. T.)

⁸ “Bêbado como uma roda gigante” não faria sentido para um leitor brasileiro. (N. T.)

- Não podemos nada – disse o telefone.
 - Podíamos nos querer bem – disse Ana.
 - Às escondidas, já estou farto de me ocultar. Ana estou farto, farto, farto.
 - Já percebi – disse Ana.
 - Estacione aqui, mãe. Aqui – ordenou o filho mais velho enquanto abria a porta.
 - Cuidado – disse Ana, que o viu saltar do veículo.
 - Cuidado com o quê? – Cuidado que não se deem conta, cuidado que não nos olhem, cuidado que já é noite. Estou farto – dizia a voz de Juan fazendo tremer o telefone com seus gritos.
 - Já notei que você está farto. Deixe esse copo, vou até aí – disse Ana sem ter que perguntar onde ele estava.
 - Como você vai vir até aqui, se estou ouvindo as suas criancices, se você anda em todos os lugares, menos comigo.
 - Vou até aí, estou te dizendo.
 - Desligou. Ligou para sua irmã. Sempre se tem que ligar para as irmãs.
 - Você já está metida em nova confusão – disse a irmã –. Eu que vim te ver.
 - Em minha casa não há comida.
 - Isso eu estou vendo.
 - Ia pedir pizza para todos.
- Para sua irmã pareceu uma ótima ideia. Vivia sozinha e sozinha as coisas pareciam-lhe menos boas. Ao contrário de Ana, ela era solteira e seu namorado, casado. Quem pode saber o que acontece com a gente, dizia. De acordo com a terapeuta conosco ocorrem relações disfuncionais, mas o que sabem as terapeutas, a mesma coisa que antes sabiam os padres. Nada. Às vezes ouvir. Disfuncionais somos todos nós.
- Chegaram em casa.
- Aonde você vai? – perguntou a filha de Ana.
 - Não me demoro. Entretenham sua tia – recomendou dando uma piscada para sua irmã que lhe dizia tchau com a mão no ar.
- Ana chegou à parte dos fundos de um bar pelo bairro das fábricas que ainda há pouco tempo estava nos arredores da cidade. Encontrou Juan dando uma palestra sobre

suas desgraças enquanto no toca-fitas tocava um *mariachi* perguntando a não se sabe quem: De que modo te esqueço?

Juan a viu entrar e se uniu à música com um canto sem entoação.

– Quem você quer esquecer?

– Como se você não soubesse. Você é igual a todas as velhas. E eu que tinha você como minha rainha.

– Demagogo. Trapaceiro. Eu? Não invente. Tudo foram só promessas. Continua de bebida em bebida. Isso sim você não esquece.

– Vá embora, que não quero nada – disse-lhe ele.

– Eu vou mas te levo. Aqui dom Clemente não tem nada que fazer com um bêbado. Vamos para tua casa.

– Que não é a tua – disse Juan com dificuldades.

– Já sei que não é a minha. Você é meu e por isso estou te levando.

– Não sou teu, que teu vou ser. E não me leve a nenhum lugar. Aqui dom Clemen cuida de mim e põe música para mim.

– E te tira dinheiro e te dedura. Vamos embora.

Colocou-o em sua van como um volume de carga e o levou a sua casa, que de fato não era a dela. Deixou-o ali, aos cuidados de seu amigo Federico, que era o único capaz de acompanhá-lo quando a embriaguez deixava de ser divertida e se convertia num tormento. Federico era sóbrio como um copo de água e era, diria o poeta, no melhor sentido da palavra, bom. Estava ficando cego, mas andava nas sombras como se fosse na luz e podia ver o que poucos viam: seu amigo Juan eram um beberrão inveterado, aquilo que em linguagem médica e tédio se chama de alcoolismo.

– E fraqueza, e falta de vontade e raiva por não ter você – acrescentou Juan quando Ana repetiu-lhe o diagnóstico –. Se você não vai viver aqui, eu não quero viver em nenhum lugar.

– Não diga bobagens, nem tente encontrar culpados. O problema é teu problema e eu não me mudo para esta casa se você não parar de ir aos bares.

Ana ouviu-se falar e tremeu.

– Se deixo de beber, você muda para cá?

– Sim – disse Ana mais firme que assustada –. Mudo-me se você ficar um ano sóbrio.

Depois entregou-o a Federico dando-lhe um beijo. Era seu cúmplice desde a adolescência, ainda o atormentava a culpa de ter levado Juan para dançar com as gringas, por mais que Ana vivesse dizendo-lhe que ninguém é culpado da vida alheia e que nesse caso os idiotas tinham sido eles: Juan por ser bêbado e ela por ser inflexível. E a cidade, sua educação e a religião mais culpados que ninguém debaixo do céu.

– Deixo-o com você – concordou Ana soltando a mão de Juan que fazia um instante tinha-se esquecido até de seu nome.

Voltou para casa, para seus adolescentes e para ouvir sua irmã chama-la de louca de pedra, imprudente e mentirosa. Porque de acordo com ela não era só o álcool, mas também a embriaguez de si mesmo na qual vivia aquele homem o que fazia com que sua irmã ficasse feliz em beijá-lo, mas sabia, isso sempre, como não o suportar de manhã à noite falando de si mesmo.

– Também sabe ouvir. Sabe tudo de meio mundo e conversa comigo como consigo. Isso não tem preço. Você não gosta porque ainda não o perdoa sobre aquilo que aconteceu com a gringa.

– Ele fez mais de cem depois dessa. Assim são os bêbados.

– Mas não a mim, porque não é meu marido – disse-lhe Ana negando-lhe a razão, embora soubesse de sobra que, tratando-se do tema, a palavra de sua irmã era a única verdadeira. Porque também era certo que quando Juan falava deles era só para continuar falando de si mesmo.

Uma coisa era a verdade simples e outra, a verdade verdadeira. A de sua irmã era a segunda: sua irmã sabia perfeitamente que o mundo dela era muito mais vasto que o de Juan, que sua vida toda era complexa e cheia de matizes como os esconderijos de sua alma, que nem comprimindo sua existência caberia no pequeno quadro que era a de Juan.

– Ele não teve nunca uma cunhada que gostasse dele como eu, mas é um bêbado – disse a irmã.

– Não diga bêbado como desprezo. Não sei se só pelo fato de ser bêbado pode comportar-se assim – disse Ana reencontrando o sorriso em sua memória. Contou sobre a mecha de pelo negro. À distância se ouvia a música dos adolescentes. A irmã tomou um último gole de café e olhou as pontas de seus pés descalços.

– Ninguém me quis tanto – disse muito triste.

– Não são abundantes os loucos, em vez disso sobram os safados – disse Ana, que sabia claramente que aquilo do namorado da irmã era outro equívoco.

– O meu vai hoje mesmo comer, tomar café da manhã e trepar em outro lugar – disse a irmã, segura de andar com um homem casado para não compartilhar nem fantasias, porque até as fantasias deixava no escritório, é uma idiotice.

– Grande compromisso: eu deixo o louco e você o safado.

– Você perde mais que eu – disse sua irmã.

– Eu já sei – disse Ana.

Passaram vinte dias para todos menos para Juan, que deteve o tempo na mesma tolice de beber até desmaiar enquanto jogava a culpa de cada uma de suas desgraças em Ana. Que tivessem combinado aquilo de que se ele deixasse o álcool, ela se mudaria para sua casa, foi caindo no esquecimento. Bebia de manhã, de tarde e de noite durante dias. Só às vezes conseguia manter-se abster-se por vinte e quatro horas e reviver uma manhã para chegar ao escritório aparentando uma sobriedade de séculos, dono por alguns momentos de uma lucidez com a qual fazia negócios e fechava convênios durante umas sete horas ao cabo das quais Ana, que o ouvia melhor, aceitava passar a tarde com ele.

Andavam por si mesmos entre idas e voltas, sem dizer uma palavra, ávidos, inocentes. Depois, quando soltava-lhes o laço que tinham atado com a cobiça dos corpos, Ana acariciava-lhe o sulco que tinha no peito ou beijava-lhe um dedo úmido. Depois desatava suas censuras, voltava-lhe o bom juízo e desperdiçava a última de suas horas falando-lhe sem conseguir nenhum acordo, ameaçando-o de que não voltaria até que ele tivesse entrado e saído de um lugar onde lhe curassem seu mal de alcoolismo. Mas então ele a ouvia distraído e arrogante, dizendo que não era nenhum alcoólatra e que tudo isso de que não controlava a bebida era uma invenção que ela havia criado para não se mudar para viver com ele.

No dia seguinte, Ana voltava a perdê-lo, cinco depois a recuperá-lo, dois a perdê-lo, nove a recuperá-lo. E assim por diante.

Depois de um desses encontros ele deixou-se ir pelo abismo de dois meses sem razão nem memória, e não houve modo de recuperá-lo. Era dezembro e logo chegou fevereiro. Em abril Ana decidiu falar com o que restava dele: tinha perdido doze quilos,

tinha a pele cinza, os olhos extraviados, um cansaço de séculos nos braços e uma impensável humildade recém alcançada.

– Suponhamos que você não tem a culpa e que eu tenho sim conserto – disse-lhe –. Leve-me onde for preciso.

Ana teve que falar com seu marido. Ele não a deixou entrar em detalhes, nunca quis pensar nos pormenores do que entre eles se considerava a relação de sua esposa com um amigo da adolescência que a meio mundo, incluindo ele, parecia-lhe insuportável. Ana concordava que Juan era insuportável, mas alegou que de qualquer forma alguém tinha que fazer algo por ele, assim Federico e ela tinham conseguido convencê-lo que aceitasse ir a uma clínica na qual o deixariam até que se curasse. Depois já diria Deus, que sempre é mudo, mas no momento alguém tinha que acompanhá-lo de avião fora da cidade, porque dentro havia gente demais convidando-o para lugares em demasia e era preciso coloca-lo a salvo de todos eles.

Levaram-no a um lugar onde se sabe que cuidam bem dos desenfreados. Juan assinou seu desejo de ficar ali dentro durante seis semanas. Ana abraçou-o como se abandonasse um recém-nascido no leito de um rio. Federico bateu-lhe nas costas e disse até logo como quem diz até já. Depois cada um voltou para sua casa e para seus afazeres. Ana, para seu impávido e generoso cônjuge, para seus filhos flexíveis como o trigo, para seu jardim como uma metáfora do silêncio.

Lá para outubro Juan regressou dono de uma suavidade desconhecida, quase sábio, lindíssimo.

– Já faz seis meses – disse –. Seis mais e você cumpre o prometido ou não tem palavra, nem mãe, nem pai, nem alma.

Ana estremeceu toda, mas disse que sim e que sim sentiu dos pés a cabeça. Pensou que toda a paz de seu mundo valeria a alegria de vê-lo ser quem ele era. E desde esse momento deixou-se entrar na guerra de ir pensando como dizer a sua família que iria a outra galáxia sem se mover sequer da cidade em que viviam.

Começou por dizer a sua irmã. Faltavam seis meses para que se cumprisse o prazo, mas necessitava de sua opinião para ajudá-la a pensar. Não foi muito longe pela resposta:

– Não está mal, Ana. Uma coisa boa por outra ruim. Tanto safado que deixa sua mulher para ir viver com uma idiota por nada além de estar chateado, sem se dar conta da joia que abandona, que você tente nivelar a situação não está nada mal.

– Meu marido tampouco parece uma joia – havia lhe dito Ana.

– Fique do meu lado – pediu-lhe Ana fazendo um esforço para não chorar, porque odiava cair na condição de carpideira.⁹

– Estou do teu lado. O que eu não sei é de que lado estamos – disse-lhe sua irmã.

Iniciaram nessa noite umas conversas que duraram meses. Ouviram também as opiniões de suas três melhores amigas. Às vezes uma por uma e às vezes todas juntas. De nenhum outro assunto se falou tanto. Nunca se tinham pesado tantas contradições numa mesma balança. Um dia ganhava Juan e no outro, o marido. Um dia reinava a prudência e no outro a audácia, um dia o insulto e no outro o perdão, um dia cinco desqualificações em unísono e no outro duas de um lado, duas de outro e a de Ana no meio como o fiel de uma balança infiel. Dizia-se de tudo: que se deixava Juan ir embora não suportaria vê-lo com outra mulher, que se somente a ideia a fazia perder a coragem, que se nada a faria mais infeliz, que se a soberba é mais indestrutível que o álcool, que se viver com isso pode ser insuportável, que se viver com seu marido era um hábito já adquirido, que se tampouco seu marido não era nenhum santo embora se pudesse vê-lo mais estável e se lhe conheciam menos defeitos, que se um falava pouco e outro muito, que se um tinha habilidades e conhecimentos domésticos que já não tem nenhum homem, que se o outro gostava de viajar, que se Juan era versátil e o divertiam os negócios, que se um era divertido e o outro reincidente, que se Juan era o único disposto a passar uma tarde completa, com chuva ou sem chuva, abraçado a ela como se houvesse uma tempestade, que se Ana ia sentir falta dos filhos, que se os dele eram bem ou mal educados, que onde ia passar o Natal, que se não importava qual casa tinha um jardim maior, que se qual cheiro lhe era mais imprescindível, que se era o de Juan, que se isso não importava muito, que se era crucial, que se em casa de um o trabalho se fazia todo sem que se notasse sua presença e na casa dela tudo pesava em seu íntimo e em seu tempo, que se um gostava de carros e outro da velocidade, que se um era friorento como ela e o outro calorento como o verão, que se num lugar havia andorinhas no telhado e no outro pardais nas bordas das janelas, que se um falava de si mesmo trinta e seis de cada

⁹ Mulheres que eram contratadas para chorar durante velórios e também mulheres que reclamam e choram com frequência. (N. T.)

vinte e quatro horas e o outro não dizia nunca o que pensava de si mesmo, muito menos dela e de sua contraditória emoção de cada dia. Que se Juan era alegre e seu marido ensimesmado, se um era bom conversador e outro bom observador, se o esforço de Juan era a prova mais crucial de amor que um homem deu, que se tinha ataques de mal gênio mas a nuvem negra de suas fúrias era curta, que se em contrapartida seu marido nunca estava aborrecido, mas tampouco feliz. Que se eram mais emocionantes os altos e baixos ou era melhor o sossego, que se é mais suspeito um silêncio que uma irritação, que se alguém que joga dominó é mais confiável que alguém que joga golfe, que quem a fazia sentir-se mais útil, que se isso era um elogio ou um hábito, que se, por último, mas muito importante, um encontrava mais rápido o seu clitóris que o seu ponto G e ao contrário, que se um acariciava até conseguir o que quer que fosse e outro não acariciava nunca, que se um era uma trégua e o outro uma guerra, que por mais que se falasse havia entre ela e Juan um aroma de luzes que só havia entre eles.

Passou novembro com suas flores roxas e dezembro, com seu ruído de nozes, sem que nada desfizesse a dúvida. Passou janeiro e sua dificuldade; fevereiro e suas modas; março, igual a uma amêndoa; abril, que em qualquer parte do planeta é, como outubro, o melhor dos meses. Em nenhum outro tempo ela quis a seu marido do mesmo modo que a seu amante, e nunca a mistura lhe foi tão amarga. Talvez tivesse sido inequívoco ter um só amor, um só marido, uma fidelidade sem tribulações, mas com ela havia ocorrido outro privilégio.

Cumpriu-se o prazo.

Juan começou a cantar a data quando ainda faltavam vários dias e como se ao dizê-lo tivesse proclamado completo ao feitiço da escada. Ana surpreendeu-se sem nenhuma dúvida: queria viver com ele como se sempre fosse lua cheia, queria viajar com ele, comer em sua mesa ao meio-dia de todos os seus dias, despertar junto a ele pelas manhãs de folga e sair de sua casa para o trabalho com seu cheiro ainda atravessado em todas as partes. Estava agradecida a ele porque, depois de tanta súplica, tinha aceitado colocar-se sob resguardo, cuidar de sua doença, reconhecê-la, teme-la e desafiar a fúria com que às vezes o tentavam o capricho de se perder e perder para não dar lugar a seus temores, não pensar em seu passado, nem se negar o prazer da paz. Queria-o como nunca e como nunca queria mudar de casa como se mudasse de alma, e não tinha um só resquício de incerteza ao redor de semelhante certeza. Tinha, sim, o

terror de conta-la, a inerme obscuridade que não conhece as palavras com que se dizem coisas como essa onde ninguém as entenderia e ninguém queria ouvi-las: sua casa.

Durante as últimas quatro noites, Ana chorou a água dos sete mares, mas não encontrou as palavras para contar a seu marido a história que ele já sabia, explicar a seus filhos o que não imaginavam, pedir-lhes perdão e se despedir dizendo até já e até sempre: não podia amá-los mais e ainda menos podia deixá-los.

Assim estavam as coisas, escreveu uma carta.

Não tirou daquele teto nem um alfinete, nem um pente, nem um sapato, foi para a rua como sempre: depois de beijá-los todos e carregando somente sua agenda eletrônica e sua bolsa em desordem, com seu corpo em duas partes e seu cabelo amarrado, como se nada a preocupasse e tudo lhe doesse. Tinha combinado de ver Juan até a tarde, e passou a manhã como uma corda na metade de um trabalho de loucos. Tinha um sobressalto na barriga e andava cantarolando: “Eu vou, eu vou, luz da minha vida.”

Sua irmã, cujo escritório estava porta a porta com o dela, sabia até o cúmulo todos os detalhes e acreditava saber enfim de que lado estavam. “Já saltei o medo do último salto”, havia lhe dito Ana enfrente ao café das dez. Logo tudo foi um rumor de mulheres trabalhando em paz durante as quatro horas seguintes. No entanto, como tal felicidade é um pássaro que entra pela porta de um quarto e sai como um suspiro pela outra, por volta das três dessa tarde irromperam no escritório uns *mariachis* cantando *Pomba querida* por ordem de alguém que só ela sabia. Iam trajados como se fosse meia-noite e com a mesma cara de quem estivesse cantando noite e meia. Atrás deles entrou Juan com o sorriso de um arcanjo. Tinha os olhos brilhantes, o gesto mais vulnerável de sua vida, a mais negra das alegrias e uma bebedeira de séculos.

– Como você, veio você vai – disse-lhe Ana caminhando para encontra-lo, pálida por inteiro. Logo perdeu a fala, recuperou a cor até ruborizar-se e o tomou pela mão como se fosse um redemoinho puxando-o em direção à porta com tudo e o bando de *mariachis* que continuava cantando da mesma forma que se estivessem na metade de uma cena que costumavam ver todos os dias.

Quando conseguiu coloca-los todos para fora, deu a volta sobre seus calcanhares. Juan a viu virar com suas pernas perfeitas, sob sua saia vermelha e seus

sapatos de salto altíssimo. Viu ir embora a cintura flexível de todos os seus sonhos, viu os ombros levantados e o cabelo altivo dessa mulher que não tinha remédio.

– Você não me quis nunca, mentirosa. Você me quer como sou, bêbado como sou – disse antes que a porta se fechasse atrás dela.

Ana pôs a chave e deixou-se cair como uma gota de água. Fazendo-se pequena, dobrando primeiro os joelhos e depois a cintura, os ombros e a cabeça, até ficar como um novelo. Respirou sem abrir os olhos. Depois, em segundos, soltou o ar e ficou em pé como se fosse uma estátua: “Se me viro me transformo em sal”, pensou caminhando até sua irmã e seu escritório. Do lado de fora continuavam cantando os *mariachis*.

– Juan Icaza – disse como se ele a ouvisse nomeá-lo no tom de amor e impaciência que caiu de sua voz.

Não tinha sido necessário nem lhe dar a carta que lhe tinha escrito durante a noite mais breve de sua vida. Uma carta longa que somente terminou na hora em que acordavam seus filhos e um pouco antes que seu marido se levantasse para preparar o café. Uma carta com todos os temores e reticências de sua índole leal. Não podia ir embora, dizia-lhe, não encontrava as palavras com as quais explicar e contar a um mundo incrédulo os desgostos que não se merece. Não tinha forças para voltar a confiar no impossível, nem vontade de ir num cruzeiro, nem desejos de abandonar seu trabalho para tornar-se a esposa, de tempo inteiro, de um homem que só concebia o mundo com ele no seu centro. Não tinha coragem para desafiar o pressentimento de que todo aquele encantamento podia destruí-lo um copo a qualquer hora jogando dominó. Tinha esperança nele, mas não fé, e tinha escrito assim. E tinha tido razão, para desgraça dele e sofrimento seu.

– O que você tinha decidido? – perguntou-lhe sua irmã.

– Deixá-lo ir – disse por fim entregando-se ao tom de melodrama que tinha tomado o ar –. Mas isso não tira a verdade: é o amor de minha vida.

– Por que você não se casou com ele – disse sua irmã que sempre usava o pior momento para dizer as coisas certas.

– Não escolhi – disse ela –. Sempre ele escolhe. Sempre vai embora antes de mim com um copo e duas canções e vinte cinco lamentos.

Deixou que sua irmã lesse a carta.

– Dê a ele e se resolve a situação. Dividem a infelicidade por dois.

Ana pensou que tal coisa seria impossível, porque nos duzentos anos que tinham de se conhecer, a culpa tinha sido sempre dela. Pelo menos isso disse o ar, desde aquele momento na escada, quando tudo tinha remédio menos seus nomes atados entre si.

Recebido em: 18/02/2019

Aceito em: 04/03/2019